

**5ª SÍNTESE A RELAÇÃO DOS PROFESSORES  
COM AS MÍDIAS**

# **COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO**

**20**

**21**

**CÁTEDRA**  
M.A. BACCEGA

**ESPM**

# INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM ESPM, em parceria com o Instituto Palavra Aberta, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

Dando continuidade ao estudo longitudinal, e visando refletir sobre educação para a mídia e para o consumo em 2021, quando as escolas retomavam as aulas presenciais, foi realizado um grupo focal por meio de videoconferência, com a participação de educadores do Ensino Básico, com a participação de quatro educadores do Ensino Básico, dois de escolas públicas e dois de escolas particulares, após o encerramento do ano letivo.

A condução do grupo focal foi alicerçada em seis perguntas, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores?
- 2 | Como trabalham/produzem mídia na sala de aula?
- 3 | Há consciência crítica do uso da mídia pelos alunos?
- 4 | Como os professores concebem consumo?
- 5 | A relação dos professores com as mídias.
- 6 | Existem projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas?

# A RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM AS MÍDIAS

---

No geral, os professores costumam ser bastante críticos quanto à mídia e têm o hábito de checar a veracidade das informações. Estas condutas também são trabalhadas em sala de aula, principalmente para que os alunos saibam identificar as fake News. Uma professora afirma: “eu costumo ser bem crítica em relação às mídias, gosto de consumir, mas gosto também de ver se aquilo é verídico ou não”.

Os professores de escola particular reconhecem seu lugar de privilégio, por isso se sentem representados pela mídia, mas também observam que na maioria das vezes existe um estereótipo sobre a figura do professor, como alguém que fica à margem das principais decisões tomadas na sociedade. “Acho que muitas categorias não são representadas adequadamente... Então um dos estereótipos do professor é aquele estereótipo do professor enquanto coitadinho”, comentou um professor dos Anos Finais do Ensino Fundamental na rede particular.

Também pontuam que a mídia divulga contextos bastante distantes da realidade que vivem, mas consideram que os professores podem ser responsáveis por isso por temerem falar dos problemas da categoria e sofrerem penalidades das instâncias superiores. Por outro lado, relatam que existem muitos professores acomodados, principalmente os que têm um bom salário e estão no ensino superior, que poderiam usar a mídia como um canal para reivindicar melhorias para a categoria e agir de maneira mais propositiva e positiva na mídia.

Com relação à comunicação feita pelos aplicativos de mensagem, uma das professoras, que atuava nos Anos Finais do Ensino Fundamental na rede pública, disse ter se sentido excluída em uma situação específica, em que uma postagem no grupo de WhatsApp da escola mostrava crianças cantando e não havia nenhuma que era negra: “eu não me senti representada ali e saiu uma discussão porque a escola não era para ter atingido isso. Mas essas questões de representação na mídia são muito complicadas e eu acredito que tem que ter sim pessoas negras representadas não de forma negativa”.

Hoje já é possível encontrar grupos sub-representados na sociedade em posições de destaque na mídia, como no jornalismo e nas novelas, mas ainda existem muitos espaços midiáticos que negligenciam ou colocam os negros, por exemplo, em situações e trabalhos subalternos.

Em sala de aula, tentam equilibrar o uso de mídia mais tradicional e outras formas de comunicação mais novas, como exemplificou um dos professores: “Hoje na aula para falar sobre a Ucrânia trouxemos as mídias tradicionais, mas também gosto de trazer as não tradicionais, como o Twitter”.

Também foi enfatizado que vivemos uma cultura do imediatismo o que aumenta a necessidade de entender a cultura midiática nas diversas esferas da vida, ir além do entretenimento e compreender como funcionam as lógicas de produção, saber quem são os responsáveis por determinado conteúdo e quais as intencionalidades na mensagem. Precisamos entender a mídia para além do que se vê nas telas, história dos meios e como se organizaram no país, bem como refletir o que implica uma postagem nas redes sociais. Foi apontada a urgência de formar senso crítico tanto dos professores como dos alunos perante as mídias e o processo educacional deve prezar pela formação de um cidadão que saiba reivindicar por seus direitos na sociedade.

“ [...] as pessoas vão sendo formadas nessa cultura da rapidez, no imediato, do simples, do raciocínio que não é complexo e difícil. Então, de repente, fazer essa abordagem de entender a mídia para além do entretenimento [...] um pouco da história também dos meios... Entender como os meios foram se organizando no país. [...] às vezes, pensam que todo mundo está postando igual e não. Tem muito a ver com a nossa cultura. (Comentário de professora de Ensino Médio da rede pública)

“ Acho que passa pelo nosso senso crítico de professor formado para trabalho com senso crítico de não aceitar qualquer coisa sem pensar o que estamos aceitando e então, para mim, isso é um processo. Acho que [...] faz parte da minha obrigação profissional. (Comentário de professora dos Anos Finais do Ensino Fundamental da rede pública)

---